

Índios araucanos, costanos e tlingit - alteridade e ciência na América do século das Luzes

Dra. Elsa Cristina de Lima Agra Amorim Brander (Dinamarca)

Introdução

Claude-Nicolas Rollin foi incumbido no ano de 1785 pela Academia Real das Ciências de Paris e pela Sociedade Real de Medicina de Paris como cirurgião da expedição científica do almirante François Galaup de Lapérouse (1741-1788). Além do ofício de médico, o papel principal de Rollin consistia em fazer uma série de investigações de ordem antropológica no continente americano e no continente asiático. Durante os três anos de duração da expedição (1785-1788), Rollin fez importantes estudos craniométricos e antropométricos além de estudos biológicos e sexuais de cinco grupos indígenas das Américas e da Ásia. Nas Américas Rollin examinou os *índios bravos* ou araucanos, também conhecidos pelo nome de *mapuches*, que habitavam a região de Conception no Chile, os índios costanos que habitavam a região de Monterey na Califórnia e finalmente os índios *tingit* da região de Yakutat-Bay no Alasca. No que diz respeito à Ásia, Rollin estudou os habitantes da ilha de Sakhalin e os Orotchies e Bitchys, também conhecido pelo nome de povo Tungunzian, que habitavam a região de De Kastri no Leste da Sibéria (Brander 2005: 325).

Rollin não foi somente o primeiro europeu a fazer um estudo científico comparativo das tribos acima mencionadas, mas ainda mais importante ele foi um dos precursores do trabalho de campo na área da Antropologia no final do século XVIII. Este artigo vai discutir a ideologia ou ideologias que serviram de base à investigação científica de Rollin. O principal objectivo deste artigo é de demonstrar como é que a identidade do Outro vai ser dissecada e construída através de métodos científicos geralmente antiquados e de alto carácter etnocêntrico.

1. A investigação médica

Antes de partir com a expedição de Lapérouse, Claude Nicolas Rollin recebeu um livro de instruções. Estas instruções tinham sido feitas por duas das mais importantes instituições científicas francesas do século das Luzes, notadamente a *Academia Real das Ciências de Paris* e a *Sociedade Real de Medicina*. As instruções compreendiam três áreas científicas todas elas com uma estreita relação com o estudo da Medicina. Estas áreas eram a Anatomia, a Fisiologia e a Biologia.

Examinando de perto as instruções, o leitor encontra alguns dos problemas científicos que ainda não tinham sido explicados nem por cientistas franceses e europeus nem por expedições anteriores à expedição de Lapérouse. Por estas razões mesmas, as instruções eram um instrumento de investigação muito importante, pelo feito que as academias tinham a possibilidade de acumular novos dados científicos, pedindo simplesmente aos viajantes para examinar de forma concreta certos problemas científicos.

As instruções que Rollin recebeu, compreendiam o documento intitulado *Anatomia* da autoria da Academia Real das Ciências e o documento intitulado *Inquérito proposto pela Sociedade Real de Medicina* feito por esta mesma. No primeiro documento (*Anatomia*), a Academia Real das Ciências pede a Rollin para ele investigar e descrever especialmente as características anatómicas de grupos indígenas das Américas e da Ásia. No segundo documento a Sociedade Real de Medicina pede a Rollin para ele fazer estudos em diversas áreas da anatomia, fisiologia, higiene, nosologia, farmacologia e cirurgia (Milet-Mureau 1797: 180-196).

Antropometria, Craniometria e Fisionomia

A secularização da viagem no século das Luzes era o resultado da necessidade de compreender a natureza directamente. Como viajante científico o papel de Rollin consistia pura e simplesmente em documentar as observações feitas durante a expedição. Um dos métodos utilizados para sistematizar a alteridade¹ consistia em medir diferentes partes do corpo de indivíduos indígenas. Pedindo a Rollin para medir o diâmetro do crânio de um índio chileno ou de um índio do Alasca, as academias científicas esperavam descobrir uma regra, que iria finalmente confirmar a existência de discrepâncias biológicas entre raças humanas diversas.

Na tabela fisiológica comparativa intitulada *Comparação de machos e de fêmeas indígenas das Américas com as respectivas latitudes dos sitios onde as medidas foram feitas*² (Milet-Mureau 1797, IV: 60), Rollin dá um perfeito exemplo do inquérito científico no século das Luzes da existencia de um elo racional entre a fisionomia, a antropometria, a craniometria e as faculdades intelectuais de um dado grupo étnico. Fazendo a comparação entre índios araucanios do Chile e índios tlingit do Alasca, as academias científicas esperavam na realidade descobrir através dos inquéritos feitos por Rollin nas Américas e na Asia da existencia de um factor matemático que iria esclarecer e justificar diferentes comportamentos morais e culturais entre grupos étnicos ou raciais diversos.

No século 18, a maneira de compreender a Natureza era feito a partir da comparação e da diferenciação de irregularidades físicas em diferentes grupos étnicos. Deste ponto de vista o Outro era um protótipo de deviação. A análise da tabela antropométrica e craniométrica mostra que as medidas feitas por Rollin dos índios tlingit (Alasca), dos índios araucanios ou Mapuche (Chile) e dos índios costanos (Califórnia) era composta de dez critérios diferentes. Estes critérios eram a altura, o diâmetro sagital² e horizontal do crânio, a medida do braço, da perna e do pé, a medida do tórax e a medida do ombro, a altura da coluna vertebral e o diâmetro do quadril. Segundo os resultados da tabela feita por Rollin, os índios tlingit (Alasca) tinham o crânio e o corpo maiores que os índios araucanios (Chile) e os índios costanos (Califórnia). Um primeiro estudo comparativo da tabela sobre o valor da análise antropométrica e craniométrica mostra com exactidão, que os tlingit (Alasca) eram fisicamente mais fortes que os índios araucanios (Chile) e os índios costanos (Califórnia). Sentido-se confiante e optimista com a precisão tirada das medidas, Rollin não perdeu tempo a associar os resultados do seu inquérito com qualidades psicológicas e culturais. Segundo Rollin, quanto mais forte um grupo era fisicamente, mais desenvolvido ele era caracterizado. Este tipo de racionalização seria de facto o mesmo que iria ser utilizado no século dezanove e no século vinte para classificar grupos étnicos diferentes a partir de conceitos de raça, inteligência e temperamento (MacCormack 1994: 1438).

Já que os índios araucanios (Chile) e os índios costanos (Califórnia) eram fisicamente de estatura mais pequena que os índios tlingit do Alasca, Rollin concluiu que os índios do Chile e da Califórnia não eram somente mais feios (diferença estética), mas eram também eram menos inteligentes (diferença cultural) do que os índios do Alasca. Além desta diferenças, Rollin vai também comparar o físico dos índios do Chile e da Califórnia com o arquétipo europeu. A tabela de Rollin transforma-se assim mesmo num epitoma de um tipo ideal. A partir da criatividade analítica de Rollin, as medidas e os números dos resultados analisados transformam-se em valores culturais. A inconsistência do método de Rollin parece ainda mais evidente no documento intitulado *Dissertação sobre os habitantes da ilha de Tchoka e dos Tártaros orientais* (Milet-Mureau 1797, IV: 73-86). Neste documento encontra-se uma tabela antropométrica e craniométrica, onde Rollin discute o facto de que os nativos de Sakhalin eram mais altos e mais robustos que os nativos Orotchies e os Bytchies que habitavam na região de De Kastri (Sibéria do Leste). No entanto uma comparação da tabela das populações asiáticas e americanas (Chile, Califórnia e Alasca), indica que os habitantes de Sakhalin e de De Kastri eram mais pequenos e mais robustos do que os índios americanos. Os resultados das medidas antropométricas e fisionómicas confirmavam assim que os

dois grupos asiáticos eram de facto mais robustos que os índios das Américas. Mesmo que os dois grupos étnicos asiáticos não possuíssem as medidas “normais” de um Europeu, a sua fisionomia era, segundo Rollin, mais viva e mais bonita da de que os índios do Chile, da Califórnia e do Alasca.

Contrariamente à investigação dos índios chilenos e da Califórnia, onde a baixa altura era vista como um sinal de redução intelectual, de falta de coragem e de falta de incentivo, Rollin fica indiferente no que diz respeito às medidas tiradas por ele aos índios asiáticos. A razão de tal inconsistência científica encontra-se num ensaio escrito por Rollin, onde o autor descreve os primeiros encontros com os nativos asiáticos de forma muito positiva. Estes são descritos como tendo hábitos muito correctos, hospitaleiros, amigáveis e simpáticos (Milet-Mureau 1797, IV: 80).

Se bem que as tabelas antropométricas, craniométricas, fisiológicas e fisionómicas fossem importantes para a representação dos Índios americanos, Rollin negligência estes mesmos critérios científicos no que diz respeito à observação dos habitantes de Sakhalin e de De Kastrí. A razão para tal negligência da parte de Rollin, baseava-se como já acima descrito na extrema admiração pelo autor da cordialidade e da hospitalidade demonstrada pelo povo asiático. Mesmo que Rollin tivesse feito comentários críticos sobre a prática pouco elogiosa que os habitantes de Sakhalin e de De Kastrí tinham de tatuar o lábio e de cheirar continuamente a peixe cru, o autor descreve os índios asiáticos de maneira muito positiva. Rollin não dá por isso mesmo nenhuma importância ao valor científico dos métodos por ele próprio utilizados nas Américas. Os métodos científicos como por exemplo a antropometria e a craniometria mostravam-se de pouco uso face ao poder e à influência do encontro cultural, já que os métodos científicos desrespeitavam o aspecto humano e a experiência individual do encontro entre um viajante e um indígena.

Contrariamente ao seu encontro com os habitantes de Sakhalin e de De Kastrí, a experiência de Rollin com os índios araucanos (Chile), os índios costanos (Califórnia) e os índios tlingit (Alasca) tinha sido muito mais problemática. Isto era devido sem dúvidas às descrições feitas pelos colonos e pelos missionários europeus que habitavam o continente americano e que descreviam os índios como sendo preguiçosos, imorais, estúpidos e mesmo extremamente selvagens. No que diz respeito aos habitantes de Sakhalin e de De Kastrí, estes eram descritos pelos missionários e pelos viajantes europeus como possuidores de uma cultura fascinante. A diferença física e cultural entre os indígenas das Américas e os indígenas da Ásia não pode ser aqui mais evidente: enquanto que os primeiros são na maioria dos casos vistos como povos selvagens e analfabetos quer dizer sem qualquer cultura que seja, os segundos eram vistos como o produto de uma longa tradição cultural. Esta diferença devia-se ao facto de que a Europa tinha tido conhecimento a partir do século XIII, da

existência de culturas asiáticas fascinantes com as quais os europeus se podiam identificar, devido a referências culturais. Assim, contrariamente aos índios americanos, os povos asiáticos possuíam religião, história, filosofia e literatura.

Medir crânios, quadris, pernas e braços parece à primeira vista uma prática inofensiva no que diz respeito à identificação de diferenças culturais. No entanto as unidades de medida qualquer que elas sejam, não reflectem nenhum saber sobre povos e culturas diferentes.

2. O Outro como pura deviação da Natureza

A Sociedade Real de Medicina pediu a Rollin para fazer uma série de investigações sobre a ocorrência da existência de sexualidade anormal entre os índios americanos. Esta sociedade pediu por isso a Rollin para observar o tamanho anormal dos testículos, o engrossamento anormal do pênis, a possibilidade dos homens de amamentar os bebés, a existência de casos extremos quer de força muscular quer do sentido do cheiro e da vista entre os machos (Milet-Mureau, 1797, IV: 42-43). Não tendo encontrado nenhuma ocorrência da existencia de casos degenerativos como os acima descritos, Rollin concluiu que a raça dos índios araucanios, costanos e tlingit não sofria de doenças de degeneração. Indignado talvez pelo pedido da Sociedade Real de Medicina, Rollin aproveitou o momento para criticar os filósofos europeus que proclamavam que os índios americanos pertenciam a uma raça degenerada, já que o autor acreditava que as afirmações feitas pelos filósofos eram mais um produto da fantasia deles do que da realidade (Milet-Mureau 1797, IV: 42). No entanto o que é importante aqui de ver, é que as observações e as medidas pedidas pela Sociedade Real de Medicina sobre a degeneração da sexualidade dos índios eram feitas somente no que diz respeito aos índios americanos. A Sociedade Real de Medicina fazia assim uma ligação directa entre os índios americanos e a existência de uma degeneração endémica física e sexual.

Desde a descoberta da América que a condição física dos índios araucanios, costanos e tlingit era um dos temas recorrentes quer na literatura de viagens quer nos ensaios filosóficos. Muitos eram os exploradores e os filósofos que se indagaram sobre a existência ou não da força muscular extrema e do desenvolvimento anormal dos sentidos dos índios americanos. A razão de uma tal discussão tem as suas raízes em França, mais concretamente no livro do intelectual holandês Cornelius De Pauw, intitulado *Recherches philosophiques sur les Américains* (1768). De Pauw (1739-1799) compilou nesta obra um enorme número de referências antropológicas sobre os índios americanos desde a região da Patagónia até às regiões ao Norte do Canada. Mesmo sendo dados de

segunda mão, já que de facto De Pauw nunca tinha viajado pelo continente americano, a sua obra tornou-se numa autoridade principal no que diz respeito ao estudo dos índios americanos. A obra de De Pauw é composta de dados com um interesse um tanto popular como por exemplo a sexualidade e o desenvolvimento da sífilis no continente americano (De Pauw, 1772: I, 21-24), a possibilidade dos machos de amamentar os bebés (De Pauw, I: 45-47) e sobre a relação entre a cor do sangue, a cor do esperma e a cor da matéria cerebral (De Pauw 1772: 208-210). Aqui vale a pena mencionar que a instrução dada a Rollin pela *Sociedade Real de Medicina de Paris* e intitulada *Inquérito proposto pela Sociedade Real de Medicina* incluía diversas perguntas e problemas relacionados ou tirados directamente da obra um tanto suspeita de De Pauw, como o prova a questão número 13 das instruções que tinham sido dadas a Rollin:

13º É verdade que existem homens americanos que possuem mamas capazes de produzir leite abundante para amamentar os bebés? Qual é a conclusão que se deve tirar sobre os hermafroditas da Louisiana? É verdade que a vida selvagem resulta na existência de casos de acointamento periódico entre os povos primitivos? É verdade que os índios americanos picam o pénis com insectos para que este fique enorme? (Milet-Mureau, 1797, I: 184-185)³

Um conjunto de perguntas idênticas encontra-se na obra de De Pauw:

A dureza da vida primitiva pode resultar no acointamento periódico e mesmo fixar este a estações concretas [...] A anormalidade sexual entre as mulheres americanas é possivelmente uma das causas principais da existência de casos de impotência nos homens americanos. Estes ficam indiferentes face ao comportamento lascivo das mulheres. Em muitas regiões primitivas, as mulheres remedeiam a impotência dos machos fazendo o pénis destes engrossar de uma maneira extrema. Além de remédios e outras drogas, elas aplicam insectos venenosos e altamente cáusticos no pénis que irritados provocam através da sua picada um inchaço enorme [...] (De Pauw 1772, I: 70-71).⁴

É interessante de ver como a *Sociedade Real de Medicina* utiliza a obra de De Pauw mesmo que esta estivesse ao mesmo tempo consciente que o autor defendia com um determinismo agudo a teoria da degeneração entre várias populações indígenas das Américas. Assim De Pauw não acreditava que os índios americanos pudessem desenvolver-se. De Pauw tinha a certeza que os índios americanos estavam à beira de uma degeneração total devido a uma disposição letárgica e à impotência do macho.

As perguntas que nos devemos fazer agora são as seguintes: porque é que De Pauw escolheu o tema da sexualidade como argumento principal da degeneração dos americanos e porque é que a *Sociedade Real de Medicina* acreditou nas teses de De Pauw? A resposta ou uma das respostas podia de facto ser que a Sociedade Real de Medicina queria promover a ideia que os índios americanos não eram ferozes, mas que pelo contrário eles podiam ser domesticados e usados como escravos para a Europa. Desta maneira as descrições feitas por De Pauw sobre a impotência do macho eram usadas para neutralizar a imagem do selvagem americano. Na nossa opinião a impotência do macho estava ligada directamente à possibilidade de domesticação deste mesmo. Tendo afirmado que os índios americanos estavam à beira da degeneração causada pela apatia sexual, De Pauw confirmava indirectamente a incapacidade dos machos americanos de lutar contra a chegada dos colonos europeus. A degeneração transformava-se assim na eliminação total de um grupo étnico: uma raça desaparecia e deixava outra aparecer no seu lugar. E não era este mesmo o ideal europeu da colonização da América? Desta maneira a Europa não tinha necessidade de índios americanos, já que desde o século XVI os europeus tinham começado a importar uma força trabalhadora poderosa composta de africanos. Contrariamente aos índios americanos, os africanos eram caracterizados como sendo fisicamente fortes (eficientes), altamente sexuais (reprodutíveis) e após condições específicas altamente domesticáveis (disciplinados). No entanto é preciso aqui sublinhar que De Pauw também se mostrava um tanto pessimista quanto à colonização europeia das Américas. De Pauw criticou severamente não só os índios americanos, mas também a condição física do solo e do clima americanos. Em muitos aspectos a América era um elemento de grande preocupação para De Pauw e para a Europa, especialmente no caso em que o continente e os índios não pudessem ser *domesticados*. Isto não quer dizer que De Pauw não estava interessado nas imensas possibilidades que o continente oferecia às almas descontentes e impacientes dos europeus. Neste aspecto a América era como um pátio de recreio, um laboratório perfeito para observar monstros e raridades humanas. A América representava a alteridade.

Um outro aspecto interessante era o facto de que a teoria de De Pauw sobre a degeneração dos índios americanos tinha sido severamente criticada dois anos depois da primeira publicação de De Pauw (1768) pelo frade beneditino Dom Pernetty (1716-1796). No tratado intitulado *Dissertation sur l'Amérique et les Américains contre les recherches philosophiques* (1770), Pernetty critica as ideias chauvinistas de De Pauw contra os índios americanos. Pernetty criticou severamente De Pauw dizendo que se o autor tivesse verdadeiramente viajado pela América e observado directamente os índios americanos, ele nunca os teria classificado de degenerados

(Pernetty 1770:11). Nesse mesmo ano, De Pauw respondeu à crítica feita por Pernetty, afirmando que a degeneração entre os índios americanos era devida a doenças venéreas como a sífilis, a gonorreia, a falta de cabelo e a impotência (De Pauw 1772b, II:35). Afirmando que a degeneração era devida a doenças venéreas, à falta de cabelo e à impotência, De Pauw estava na verdade a construir uma diagnose baseada na degeneração racial dos índios americanos. Quer este fosse araucano, costano ou tlingit o facto era que De Pauw transformava o índio americano graças à sua retórica médica num paciente sofrendo de duas doenças fatais – a degeneração biológica e a degeneração cultural.

Nas instruções que foram dadas a Rollin, as academias científicas também pediam para que este observasse a existência de casos extremos de comportamento libidinoso e a existência de hermafroditas entre a população feminina indiana. Mais uma vez a raiz de tal inquérito era a obra de De Pauw, já que este tinha afirmado que a existência de hermafroditas era causada pelo tamanho prodigioso dos órgãos sexuais femininos entre as mulheres indianas americanas. Mesmo que Rollin não tivesse encontrado qualquer exemplo que seja de hermafroditas na América, a verdade é que a sexualidade da mulher americana era percebida como sendo altamente perigosa. Neste aspecto a América tornou-se fundamentalmente num jardim zoológico do anormal. Como a antropóloga americana Jane Goodall explica, quer filósofos quer viajantes esperavam desde o século XVIII encontrar nas Américas casos de homens com cauda, sirenas, hermafroditas e especialmente Amazonas libidinosas (Goodall 2002:14).

A verdade é que até ao começo do século XIX, a monstruosidade era considerada como uma aberração da Natureza. O estranho e o grotesco formavam assim a imagem que os europeus tinham dos índios americanos. Na nossa opinião, a construção da sexualidade anormal era central ao estabelecimento de uma imagem diametricamente oposta do índio americano em relação com a imagem do europeu. Uma espécie de sexualidade antípoda, onde o macho americano era caracterizado como tendo qualidades femininas, e a fêmea americana era caracterizada como possuindo uma libido extrema. De Pauw sublinha por exemplo na sua obra que muitas americanas possuíam um clítoris com o tamanho igual a um pénis (De Pauw 1772, I:92). Não há dúvida que De Pauw tinha lido as descrições feitas em 1719 pelo explorador alemão Peter Kolbe (Kolbe 1741, I:92). A inversão da sexualidade americana, quer dizer, fêmeas com uma sexualidade masculina e machos com uma sexualidade feminina, é a reflexão inversa da imagem da sexualidade europeia. Aqui é preciso tomar em conta que no século das Luzes, a sexualidade europeia repousava numa imagem construída à volta da virilidade masculina e da passividade feminina. Claramente que estes

eram os parâmetros essenciais utilizados na reflexão europeia sobre a alteridade do Outro e neste caso sobre a alteridade dos índios americanos.

Olhar patológico

A inversão da sexualidade tornou-se conseqüentemente num sintoma próprio da alteridade dos índios americanos. Ao pedir a Rollin para investigar a existencia ou não de casos de degeneração entre os índios araucanos, costanos e tlingit, as academias francesas esperavam descobrir sinais sintomáticos da alteridade americana. Mesmo que antiquadas as instruções dadas a Rollin devem neste aspecto ser vistas como poderosos instrumentos de dissecação da alteridade do Outro.

Elsa Cristina de Lima Agra Amorim Brander
Ph.d.

Bibliography

Brander, Elsa (2005). *På sporet af den anden – om andethedens tilsynekomst i 1700-tallets videnskabelige opdagelsesrejser*. Dialektika. Skrifter om Filosofi og Videnskabsteori. Aalborg Universitet. December 2005. Nr. 4.

De Pauw, Cornélius (1772a). *Recherches philosophiques sur les Américains*. A Cleves.

De Pauw, Cornélius (1772b). *Recherches philosophiques sur les Américains*. Avec une dissertation sur l'Amérique et les Américains par Dom Pernetty et la défense de l'auteur des recherches contre cette dissertation. 2 vol. A Berlin.

Goodall, Jane R. 2002 *Performance and Evolution in the Age of Darwin – Out of Natural Order*. London. Routledge.

Kolbe, Peter (1741). *Description du Cap de Bonne Espérance*. 2 vol. A Amsterdam. Chez Jean Catuffe.

MacCormack, Carol (1994). "Medicine and Anthropology". In *Companion Encyclopedia of the History of Medicine*. Edited by W.F. Bynum and Roy Porter. London and New York, Routledge.

Milet-Mureau, Marie Louis Antoine (1797). *Voyage de La Perouse autour du monde*. Publié conformément au décret du 22 avril 1791, et rédigé par Milet-Mureau, Général de Brigade dans le Corps du Génie, Directeur des Fortifications, Ex-Constituant, Membre de plusieurs Sociétés littéraires de Paris. 4 vol. A Paris, de l’Imprimerie de la République.

Nørby, Søren (ed.) 2004. *Klinisk Ordbog*. 16. udgave. Munksgaard.

Pernetty, Antoine-Joseph (1770) *Dissertation sur l’Amérique et les Américains contre les recherches philosophiques de M. de P.* Par Dom Pernetty. 2 vol. A Berlin. Chez Samuel Pitra.

Notes

1. A alteridade é o conjunto de valores que caracterizam e definem a inquietante estranheza do Outro. Estes valores são impostos por um Eu – ou por um Mesmo – na tentativa de compreender o Outro.
2. Mediano longitudinal anteroposterior horizontal do corpo (Nørby 2004).
3. “13° Y a-t-il fréquemment en Amérique des hommes dont les mamelles contiennent du lait assez abondamment pour nourrir des enfans, comme on l’a dit? Que doit-on penser des hermaphrodites de la Louisiane? La vie sauvage rend-elle l’amour périodique chez plusieurs nations? Est-il vrai que quelques naturels de l’Amérique se font piquer le membre viril par des insectes, qui y excitent un gonflement considérable?” (Milet-Mureau, 1797, I: 184-185)
4. “Je veux bien avouer que la dureté de la vie agreste peut, en quelque sorte, rendre aux hommes, comme aux animaux, les moments de l’amour périodique, & les fixer à de certaines saisons [...] Le défaut des femmes Américaines avoit peut-être fait naître ce goût pour la non-conformité, dans des hommes indifférents, qu’une jouissance aisée ne tentoit point. Cela est d’autant plus croyable que dans plusieurs endroits ces femmes tâchoient de rémédier au défaut physique de leur organisme, en faisant enfler singulièrement le membre génital des hommes: elles y appliquoient, entr’autres drogues, des insectes vénimeux & caustiques, qui étant irrités jusqu’à la fureur occasionnoient, par leur piquure, une extumescense considérable, & presque monstrueuse [...]” (De Pauw 1772, I: 70-71).